

*O Estado de São Paulo,  
Segunda-feira, 10 de abril de 2006*

## **Páginas viradas**

*MARCELO DE PAIVA ABREU\**

A queda do ministro Antonio Palocci foi chocante, pois resultou da constatação de que as práticas ilegais utilizadas pelo PT afetaram até mesmo os mais altos escalões do governo. E, no entanto, não há como negar que o ex-ministro teve desempenho muito acima de qualquer um de seus pares no partido. Em algum momento esta diferenciação clara, mesmo em relação às melhores lideranças políticas da República, fez com que se chegasse a pensar que o ex-ministro poderia ser considerado, dependendo do cenário, forte candidato à sucessão de Lula. Sua queda foi grave perda para um partido marcado pela indigência de quadros. E também para o País. Página virada. Mas aumenta a desconfiança de que a página possa ter sido virada também em relação à política econômica.

A política econômica coordenada pelo ex-ministro Antonio Palocci serviu de esteio quase que único ao governo petista durante o triênio 2002-2005. A outra política que poderia ser apresentada como coroada de êxito é a de redistribuição de renda por meio de programas como o Bolsa-Família. Entretanto, apesar de todos os méritos que possa ter, tem desdobramentos macroeconômicos necessariamente mais limitados.

O governo Lula, portanto, queira ou não, é o governo da política econômica ao estilo de Palocci: inflação baixa e cadente, resultados externos espetaculares. Comprometida essa política, comprometido está o governo. Para tentar manter o equilíbrio, mesmo que esquizofrênico, entre política econômica prudente e outras políticas que oscilam entre a inoperância e a pirotecnia, restava ao governo a opção de buscar um substituto de Palocci que replicasse, na medida do possível, as virtudes mostradas pelo ex-ministro antes de ter sido atingido de forma contundente pelos desdobramentos do desastrado cover up. A sua capacidade de coordenação política, o talento para recrutar gente competente fora dos quadros partidários, o trânsito na oposição. E, principalmente, o reiterado compromisso com um programa econômico que, como teve a habilidade de sublinhar desde cedo, representava continuidade em relação às políticas implementadas desde o início da década de 1990.

O que se viu, contudo, foi a indicação de um sucessor que não tem condições de desempenhar papel remotamente semelhante ao de Palocci. No desempenho de outras funções, como ministro do Planejamento e presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Guido Mantega não demonstrou particular talento como operador político, nem especial capacidade de recrutar quadros fora das estéreis fileiras do PT, nem trânsito algum na oposição. Não corresponde à realidade dos fatos a sugestão de que tenha tido papel de destaque no controle de gastos como ministro do Planejamento. No BNDES, tornou-se paladino da redução da Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP) e patrocinou memorável documento que, emulando a quadratura do círculo, pretendia mostrar que os financiamentos daquele banco não são subsidiados.

A tentativa de fazer crer que o cenário é de continuidade, de "business as usual", não é crível. Não há renegação do que foi dito ainda ontem que permita a construção, como por encanto, de credibilidade hoje. Especialmente quando suas declarações após a posse evidenciam incapacidade de perceber quão importante é sustar a expansão descontrolada do gasto público. A palavra que vem à mente é *pentimento*, bom vernáculo que tem origem em arrependimento, em italiano. Aplica-se a pinturas nas quais os vestígios de uma composição anterior se tornam visíveis com a passagem do tempo ou com o uso de técnicas sofisticadas. Ticiano, por exemplo, gostava de economizar telas e pintava habitualmente novos quadros sobre quadros antigos. O retrato de Isabel de Portugal, hoje no Museu do Prado, está pintado sobre a figura de outra mulher. O retrato de Felipe II, também no Prado, está pintado sobre o retrato de seu pai, Carlos V. A impressão que se tem é que será preciso bem pouco tempo para que se possa novamente ver o Mantega 2005, agora escondido pelo fabuloso Mantega 2006, pintado às pressas nas últimas semanas. Hoje, no que tange à política econômica, os bastiões de credibilidade que restam são o Banco Central e o Ministério do Planejamento. Serão suficientes? Ironicamente, uma das fontes de risco da situação atual é que os resultados da política econômica foram tão espetaculares, especialmente no plano externo, que há muito espaço para desatinos. Talvez até seja possível a reeleição de Lula, mas o governo pode correr o risco de já tomar posse em crise. Será lamentável se, afinal, o esforço de tantos anos acabar sendo malbaratado.

Com base na regra de que o trailer é sempre necessariamente melhor do que o filme, pois é um esforço de venda baseado na seleção dos seus melhores momentos, pode-se supor que uma solução do tipo Mantega é o que de melhor terá a oferecer um segundo governo Lula. O que torna a escolha eleitoral em outubro bastante simplificada. A oposição, no melhor cenário, poderia até apresentar-se na campanha com o programa de retomar as reformas econômicas de Malan e Palocci em contraposição a Lula, agora mais imprudente. Mas isso é excesso de otimismo. O mais provável é que o abandono da política econômica de Palocci por parte do governo estimule, infelizmente, postura de acomodação da oposição. Quanto mais inepto for o programa do PT, menos incentivo terá o PSDB para apresentar um programa econômico de qualidade.

**\*Marcelo de Paiva Abreu, doutor em Economia pela Universidade de Cambridge, é professor-titular do Departamento de Economia da PUC-Rio**